

Um estudo sobre religiosidade e protagonismo das juventudes universitárias*

A study on religiosity and protagonism of university youths

Clélia Peretti**

Resumo

O artigo apresenta resultados de pesquisas realizadas com as juventudes sobre o perfil da religiosidade, o exercício da cidadania e dos direitos humanos entre os jovens. Objetivou-se conhecer o perfil da religiosidade e seus aspectos relevantes, mapear valores, dinâmicas e vivências religiosas e investigar o protagonismo entre os jovens universitários entre 18 e 29 anos. Os resultados mostram que as juventudes são objeto de estudos importantes para o Brasil tanto pela crescente preocupação na construção de sua identidade quanto pela formação do futuro profissional. O perfil religioso vem se modificando com o aumento da mobilidade, com o crescente sincretismo e bricolagem religiosa. A intolerância e manipulação religiosa são o ponto de maior crítica e o principal problema entre os pesquisados. O protagonismo se revela através dos manifestos e do engajamento em projetos sociais que visam garantir os direitos fundamentais e a dignidade humana e deveres inerentes aos indivíduos.

Palavras-chave: Juventudes universitárias. Religiosidade. Trânsito Religioso. Protagonismo Juvenil.

Abstract

The article presents research results held in public and private universities on religiosity profile, citizenship and human rights among the youth. The aim was to know the religiosity profile and its relevant issues, to map values, dynamics and religious experiences and to investigate the protagonism among the university students between the ages of 18 and 29. The results have shown youths are the subject of important studies for Brazil by both the growing concern in the construction of their identity and the formation of future professionals. The religious profile has been changing with an increasing mobility, with the growing syncretism and religious DIY. The religious intolerance and manipulation are the major point of criticism and the main problem among the surveyed. The protagonism is revealed through the manifest and commitment in social projects aim at ensuring fundamental rights and human dignity as well as duties of individuals.

Keywords: University Youth. Religiosity. Religious Transit. Juvenile protagonism.

* Participaram na realização desta pesquisa os alunos do Curso de Bacharelado em Teologia do Centro Universitário Católica de Santa Catarina. A pesquisa se realizou com o Apoio do setor de Pesquisa do PROINPS.

** Doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia - EST, São Leopoldo - RS. PhD pelo Centro Italiano di Ricerche Fenomenologiche em parceria com a Pontificia Università Lateranense - PUL- Roma, Itália. Professora no Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Teologia da PUCPR.

1 Introdução

O presente texto traz resultados parciais de pesquisas acerca da religiosidade e do protagonismo das juventudes universitárias em andamento no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná-Curitiba, Brasil. Participam do desenvolvimento do projeto estudantes do Programa de Mestrado e dos cursos de Bacharelado em Teologia e Bacharelado de Direito. O estudo objetiva compreender a experiência religiosa das juventudes inseridas em um ambiente de conhecimento e cultura secular, mas sedentas de sentido para sua existência.

Uma constatação central em nosso estudo é que a cultura contemporânea abriu espaço para os jovens desenvolverem uma religiosidade adequada a sua trajetória de vida, tanto pessoal quanto geracional. Mesmo imersas num mundo secular, as juventudes encontram em sua religiosidade uma preciosa fonte de alento. Da forma como a entendemos, a religiosidade é totalmente adequada ao “ser jovem”, visto instilar confiança numa etapa em que o sujeito se distancia criticamente de poderosos ambientes elaboradores de sentido, como a família e a religião.

Teóricos de diversas áreas lançam luzes sobre o modo de entender, interpretar e atuar no campo religioso

das juventudes. Num mundo marcado pelo excesso e incerteza, não por acaso que o jovem é confrontado com uma série de paradoxos: tem mais acesso à educação e menos ao emprego; mais informação e menos poder; está mais imerso no presente e é mais exigido pelo futuro. Os múltiplos arranjos daí resultantes avocam a pluralidade, pois não há, na prática, “uma” juventude e sim “juventudes”, com histórias, potencialidades e crises diferentes. Realidade polissêmica, a juventude é um enigma, uma experimentação, uma construção (KEHL, 2008).

Diante disso decorre a necessidade de realizar pesquisa empírica a fim de mapear valores, vivências e dinâmicas existenciais de que os jovens são depositários. A pesquisa apresentada neste artigo teve seu início no bojo da experiência docente com a disciplina Cultura Religiosa, oferecida então pelo Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Vários questionamentos surgiram a partir do contexto educacional, de prática pedagógica voltada para a formação integral da pessoa humana: como decifrar a experiência religiosa de um tipo de juventude em geral apontado como desprovido de crenças, pouco assíduo a práticas religiosas e que flerta com o niilismo, o consumismo e o

individualismo? É possível perceber uma religiosidade que conduz o jovem a questionar certezas herdadas, amadurecer sua autonomia e inserir-se na vida social? Procedeu-se, então, a organização de um projeto cujas etapas empenharam conjuntamente o pesquisador e os jovens universitários.

A pesquisa foi realizada entre os anos 2013 e 2014. Na primeira etapa 2013 contou com a participação de 30 jovens de denominações religiosas diferentes, na faixa etária de 15 a 24 anos. Os participantes da segunda etapa foram jovens dos cursos de graduação, de *lato sensu e stricto sensu*, entre 18 e 24 anos, de uma Instituição de ensino superior na cidade de Joinville (SC). O método de coleta de dados foi a observação participante, seja em atividades cotidianas de caráter religioso ou não, e entrevistas semiestruturadas com a aplicação online e presencial de questionários com questões previamente estabelecidas a partir dos seguintes temas: sentido da existência, alteridade, fé, crenças, pertença, experiência

religiosa, religiões e rituais, trânsito religioso, protagonismo dentre outros.

Optamos pela pesquisa empírica, pois se acredita que é através dos sonhos e dos projetos dos jovens que melhor sabemos dizer o que está contida numa vida, que é um eterno agora. O perfil de uma juventude plurirreligiosa, urbana, secularizada, hipercrítica da cultura atual, moderna e globalizada pesa na transformação da experiência religiosa e de fé dos jovens. As experiências religiosas são caracterizadas por uma pluralidade de cosmovisões, que não ocorrem apenas nos âmbitos tradicionais religiosos, onde existe uma sociedade hierárquica, homogênea, mas em uma corrente de sequências aceleradas de fatores políticos, econômicos, sociólogos, históricos e culturais. Diante deste tema tão vasto e rico, as representações do transcendente são as mais variadas e a vivência do sagrado não só se fecunda dentro da religião, mas em todos os âmbitos da vida com uma diversidade de possibilidades de manifestação.

2 Juventudes e religião: a mudança de percepção

A motivação por *insights* de uma prática educativa onde se percebe que a condição de ser universitário marca decisivamente a religiosidade dos jovens ao ponto de considerar seu ingresso na academia, um momento sagrado em suas vidas, é a base para discutir as

relações das juventudes no âmbito religioso. Outro aspecto relevante da relação dos jovens com a religião, é que nos dias de hoje, as juventudes parecem mais voltadas para o desenvolvimento da religiosidade, e além da adesão própria e readesão à religião de origem,

há ainda formas alternativas de vivências espirituais não religiosas, através de movimentos, terapias e cultos e que não são ligadas às instituições tradicionais. Nesse ciclo de vida, a religiosidade serve como guia para o jovem no desenvolvimento de sua autoimagem e nos projetos futuros. Por outro lado, a juventude é também “uma fase propícia ao estudo da religiosidade, pois ela se torna mais visível quando muitos indivíduos, sobretudo universitários, se despem das roupagens herdadas e empreendem uma travessia que é singular e geracional” (RIBEIRO, 2009, p. 15).

Desse modo, estudar as juventudes, configura-se na atualidade como um grande desafio: levar em consideração a cultura jovem faz parte de uma rede heterogênea de elementos que compõem o signo juventude. Essa heterogeneidade demonstra maior visibilidade nas metrópoles urbanas, com aumento sistemático das “tribos urbanas”, onde os indivíduos se identificam de acordo com a particularidade de seu grupo social (MAGNANI, 2007, p. 16).

É preciso reconhecer também que os efeitos da pós-modernidade discutidos por Hall (2003), vêm se apresentando com força nas últimas décadas, fragmentando as identidades que estavam solidificadas, e ao mesmo tempo, criando microidentidades. Revelam, dessa maneira, estilos de vida, condutas morais e modos particulares de

viver, forçando os indivíduos a adotarem identidades múltiplas, pois as identidades que antes eram estáveis e duradouras se encontram superficiais e provisórias. Do mesmo modo, a aproximação entre fidelidade e fragmentação indica que a busca pela fé e sua vivência se acham marcadas por vínculos dissolúveis e provisórios. Observam-se verdadeiras rupturas culturais que atingem profundamente a identidade social, a relação com o mundo, às capacidades de comunicação dos indivíduos. Elas correspondem a um remanejamento global das referências coletivas, a rupturas da memória, a uma multiplicidade de ofertas simbólicas, a uma reorganização dos valores que questionam os próprios fundamentos dos laços sociais (ANTONIAZZI, 1998).

A implicação dessa mutação cultural atinge as instituições de socialização nas quais se dá a continuidade das gerações: igrejas, religiões, famílias, escolas, universidades, partidos políticos, todos são atingidos. Mas “o abalo que resulta dela é ainda maior, no caso das instituições religiosas, porque a transmissão envolve aquilo que está na própria gênese de sua existência, a saber, a continuidade da memória que os funda” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 61).

De fato, quem dita as regras da nova sensibilidade religiosa é a intuição da *descontinuidade*. Ela sobressai como intuição privilegiada, pois rege o sentimento religioso acomodado à força

da espontaneidade e da experiência pessoal. A consequência é previsível. Pela esteira do descontínuo, os laços não se prendem indissolúveis. A fidelidade torna-se um conceito excessivo. Ou, vago demais para se extrair dele vínculos institucionais “monogâmicos”. (ANTONIAZZI, 1998). Diante de tantas incertezas, advindas do mundo pós-moderno a juventude elabora suas concepções e seus valores ressignificando a todo o momento sua forma de ver o mundo. Assim, como o campo das escolhas existenciais importantes para a vida “[...] a religião também é um campo de experimentação e de escolha para os jovens, mesmo que em todas essas áreas da vida as decisões não sejam definitivas e irreversíveis” (RODRIGUES, 2012, p. 263).

É partir dessa noção mais aberta e contextualizada de juventude e de religiosidade que se compreende a existência do trânsito religioso e como essa toca no processo de desenvolvimento e afirmação pelo qual

passa o jovem. Para afirmar sua identidade ele se mobiliza em torno de grupos, práticas coletivas, representações, símbolos, rituais, espaços de cultura e de lazer, atividades lúdicas, esportivas ou recreativas. Enquanto é respondido o que interessa ao seu desenvolvimento, ali o jovem permanece fiel. Quando não, ele acaba buscando outros espaços e práticas. E aqui se insere também outro aspecto importante para compreender o fenômeno da mobilidade religiosa.

Questões existenciais, salvíficas, pessoais ou profissionais cercam toda a busca por uma religião certa e adaptada à realidade da pessoa humana. Porém, a modernização causa uma perda, tanto de conceitos quanto de adeptos, como afirmam Souza e Martino (2004). O relativismo cerca toda e qualquer atualização de uma fé. Todas estas mudanças afetam, também, a juventude. O quanto uma fé jovem muda perante doutrinas tão tradicionais e imóveis é uma questão que aflige religiosos de diversas denominações.

3 Juventudes e trânsito religioso

O trânsito religioso é um indicador de mudança dos modelos religiosos, do movimento ou circulação de um ou vários indivíduos entre as mais diversas religiões, podendo indicar ainda a transição de um paradigma que já não supre as necessidades, de um contexto

social vivido, de modo pontual, para outro. Desta maneira, o trânsito religioso apresenta-se como um fenômeno constante e intenso em nossa sociedade, um reflexo do pluralismo. O campo religioso no Brasil sofreu grandes transformações nas últimas décadas que

levaram a fragmentação institucional e à intensa circulação de pessoas pelas novas alternativas religiosas.

Os dados nacionais do Censo de 2010, publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2012, evidenciam uma diminuição dos católicos apostólicos romanos em relação ao censo 2000, de 73,5% para 64,6%, num período de dez anos. O contrário ocorre com o segmento protestante, que aumentou de 15,4% para 22,1%, no tempo referido, número que representa em torno de 16 milhões de brasileiros. O mesmo ocorreu com o espiritismo, que aumentou 0,7%, chegando aos 2% de representação. As pessoas que se declararam sem religião também tiveram um aumento de 2,5 milhões, aos seus 12,5 milhões, anteriormente registrados. São pessoas que desenvolvem suas práticas de fé em diferentes contextos e espaços, apropriando-se de diferentes símbolos, combinando-os a seu modo e

buscando significados que possam suprir suas necessidades momentâneas.

A literatura científica sobre o campo religioso brasileiro tem sido desafiada por um curioso paradoxo: o acúmulo de conhecimento sobre as diferentes cosmovisões parecia ter tornado evidente que, do ponto de vista dos ritos, crenças e da lógica interna de cada universo, os cultos podem ser considerados bastante diferentes entre si; no entanto, quando se observa o comportamento daqueles que frequentam esses cultos, as fronteiras parecem pouco precisas devido à intensa circulação de pessoas pelas diversas alternativas, além da acentuada interpenetração entre as crenças. Essa aparente contradição se faz presente quando pesquisamos sobre *O Trânsito religioso da juventude entre as denominações religiosas cristãs em Joinville (SC)*.

4 A pesquisa de campo

Duas são as etapas que compõem a realização da pesquisa¹. A primeira se efetivou em 2013² envolvendo 30 sujeitos jovens de denominações e

instituições diferentes com o objetivo de averiguar como esses se situam dentro do processo de recomposição do campo religioso e como a instituição religiosa absorve o trânsito religioso da *juventude*. Para a coleta de dados utilizou-se um questionário com 25 questões mistas. A segunda etapa

¹ Ambas as pesquisas foram realizadas com a técnica da entrevista semiestruturada, online com o uso da ferramenta Google Docs, da empresa Google Inc.. Para respeitar o anonimato dos participantes, utilizou-se a identificação numérica.

² A pesquisa foi realizada no período de 1º de março e 30 de abril do ano de 2013. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCPR, com o número de protocolo 172.890.

realizou-se em 2014³ com a participação de 100 estudantes de uma Instituição de Ensino Superior na cidade de Joinville. Os participantes responderam a um questionário composto por 28 questões mistas, relacionadas ao perfil pessoal, as crenças e a mobilidade religiosa e a formação de valores éticos, relações e inserção nos espaços públicos e religiosos. A opção por alterar alguns

³ A pesquisa foi realizada no período de 1º de abril e 30 de junho de 2014 e obteve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da PUCPR com o Parecer consubstancial de protocolo 529.837.

5 Resultados da Pesquisa

A seguir serão apresentados em forma de relatório os dados coletados nas duas etapas da pesquisa 2013 e 2014. Para facilitar sua compreensão os resultados foram agrupados em três grandes categorias, sendo elas: perfil dos participantes; mobilidade religiosa, crença e atitudes; formação de valores, relações e inserção social e religiosa.

5.1 Perfil dos participantes

Na primeira fase (2013) foram entrevistados 30 jovens de denominações religiosas diferentes, 24 eram do sexo feminino e 11 do masculino, 12% com idade entre 15 a 16 anos, 17% com 16 a 18 anos e 71% entre 18 a 24 anos. Quanto à escolaridade 6% afirmaram ter concluído o ensino fundamental, 14% possui

pontos do formulário teve como objetivo encaminhar a pesquisa para o âmbito da mobilidade religiosa, encontrada na primeira etapa da pesquisa, além de restringir os dados ao percentual mais significativo da pesquisa anterior. Foi adicionada a influência da *internet* e das redes sociais como um fator doutrinário e amplificador de conhecimentos. Para fins didáticos optamos por apresentar os dados de cada etapa da realização da pesquisa, separados.

ensino médio incompleto, 26% ensino médio completo, 31% graduação incompleta, 17% graduação completa e 6% especialização.

Na segunda fase da pesquisa (2014) participaram 100 jovens universitários de uma Instituição de Ensino Superior. Dos resultados analisados obtivemos o seguinte perfil: quanto a gênero 77% mulheres e 23% homens; quanto à idade 28% com 18 anos, 18% com 19 anos, 8% com 20 anos, 3% com 21 anos, 6% com 22 anos, 16% com 23 anos e 21% com 24 anos. Em se tratando da escolaridade 82% declararam ter a graduação incompleta, 10% completa, 2% especialização incompleta e 6% especialização completa. Quanto ao tempo de uso diário da *internet*, chegou-se ao seguinte resultado: 32%

responderam entre 2 a 4 horas, 27% de 4 a 8 horas, 24% mais de 8 horas, 15% de 1 a 2 horas e 2% menos de uma hora. Por fim, encerrando a parte dedicada ao perfil pessoal, indagou-se sobre o que era acessado por cada um deles, durante o uso da *internet*, obtivemos o seguinte registro: e-mail 85%, redes sociais 87%, ambiente de trabalho 50%, diversão e lazer 55%, notícias 68%, vídeos 44%, loja virtual 31%, classificados 8%, humor 24%, outros. Quanto *ao uso da internet* ao sinalizar a opção "outros", todos os que os que marcaram essa opção destacaram acessar ambientes acadêmicos ou de estudo como conteúdo de importância.

Deduzimos que a internet dá aos seus usuários o poder da palavra, por meio de fóruns ou redes de socialização de forma democrática. Por um processo natural, a religião também vai se inserindo nos ambientes virtuais, "as práticas sociais são afetadas pelas práticas mediáticas" que, por sua vez, essas últimas também, "[...] afetam as práticas religiosas de tal modo que as trazem para o seu ambiente, nas suas lógicas e nas suas operações" (GASPARETTO, 2011, p. 44).

5.2 Mobilidade religiosa, crenças e atitudes

Sobre a *religião praticada* pelos jovens participantes da entrevista de 2013, obtivemos o seguinte quadro:

37% católicos, 22% protestantismo tradicional, 11% protestantismo pentecostal, 6% agnósticos, 6% crenças particulares, 6% espiritismo e umbanda, 6% ateísmo e 3% panteísmo. Para 62% dos entrevistados, os pais tiveram influência na escolha da religião a ser seguida. Acerca dos outros aspectos que contribuíram na opção religiosa, os jovens destacaram: tradição (11 seleções), curiosidade (6 seleções), fé (mesmo não listada, apareceu 5 vezes), amigos (5 seleções). Quanto à participação nos rituais 54% apontaram pelo menos uma vez na semana, 17% participam uma vez ao mês e nenhum deles pratica alguma atividade, 9% participam apenas em ocasiões especiais ou festivas e 20% afirmam não frequentar cultos, celebrações ou qualquer atividade religiosa. Destes, 84% participam de algum tipo de atividade que envolva sua religiosidade.

Em relação a segunda etapa (2014) quando questionados sobre qual igreja ou comunidade era frequentada ou se declarava pertencente, 52% apontaram a denominação Católica Apostólica Romana, 11% Luterana, 2% Presbiteriana, 2% Assembleia de Deus, 4% Testemunhas de Jeová, 3% Siloé e 15% outras. Dentre os participantes que marcaram a opção "Outros", 5% se declararam espíritas, 3% sem religião, 2% ateu e 1% yahudim, uma religião de base judaica cuja crença se baseia na vinda, morte e ressurreição de Yaohushua. As opções que não

apresentaram participantes foram: Anglicana; Batista; Católica Apostólica Ortodoxa; Congregação Cristã no Brasil; Deus é Amor; Metodista e Universal do Reino de Deus.

Quando perguntamos aos entrevistados da primeira etapa (2013) sobre a *diferença entre religiosidade e religião*, 57% que conheciam e 43% desconheciam a diferença. Entre os que responderam positivamente perguntou-se sobre o conceito religião: 55% identificam a religião com doutrinas aplicadas, dogmas, ritos, crenças, costumes e tradições, enquanto 45% atribuem a religião apenas uma forma nominal como cristianismo, budismo e islamismo. Na questão sobre a *religiosidade*, 55% fez referência ao contexto da prática religiosa dentro do grupo religioso em que vive e identificou sua prática com a comunidade, mas sem grandes manifestações de fé; para 40% a religiosidade é uma tentativa de explicar fenômenos que fogem a racionalidade humana e para os outros 5% a religiosidade se apresenta mesclada entre a prática e a experiência religiosa pessoal. Quanto ao *conceito de religião*, os participantes, apesar das semelhanças estruturais, trouxeram formas diferentes para explicar a religião. O participante 6 cita que *a religião é um conjunto de crenças e costumes, porém ligados e estipulados pela cultura social vivenciada pela comunidade*. Já o participante 11 coloca-a como um *sistema de crenças, movidas*

por visões, dogmas e rituais, porém contendo as mais diversas vertentes. Já os participantes 17 e 20 colocam-na como algo *tradicionalista e cultural, proveniente de doutrinas já existentes e repassadas*.

Sobre as *motivações* para manter-se em determinada prática religiosa, os jovens da primeira fase (2013) indicaram o conhecimento sobre a doutrina pregada e ritualizada, aspectos devocionais, lúdicos das celebrações, sentimento de paz e a tradição familiar. Dentre as motivações que levam os jovens da segunda etapa (2014) a entrar em um grupo, religião ou denominação religiosa, 48% consideraram os pais como a motivação maior, seguida da tradição com 19%, do conhecimento 15%, da curiosidade 8%, parentes próximos 4% e outros como ciência 2%. A justificativa sobre o porquê estes fatores influenciaram na escolha da religiosidade poderia ser registrada ou não, de modo aberto. Os resultados obtidos mostraram que a tradição familiar está presente em 42% dos entrevistados, atuando fortemente na manutenção do integrante na denominação religiosa escolhida. A tradição ou a doutrina da própria denominação religiosa são um fator de influência para 15% dos participantes. Já a identificação da fé particular com a instituição surgiu em 10% dos casos. A importância de um maior conhecimento é um fator motivacional em 6% das oportunidades, seguido pela fé ou falta

dela em 5% dos casos. Por fim, a força das amizades e a animação dos grupos de estudos ou de jovens obtiveram 2% das respostas, cada uma, move o jovem a escolher a religiosidade a ser vivida.

Sobre a frequência em outras religiões, na primeira etapa (2013), 77% afirmaram estar abertos a uma discussão religiosa, a participar e a compactuar com ideias similares à sua religião e/ou de outras religiosidades, 17% trocaram o catolicismo por outra religião, 9% deixaram de participar do protestantismo tradicional, 9% deixaram o protestantismo pentecostal, 6% abandonaram o espiritismo e 3% dizem ter deixado de compactuar com as ideias do agnosticismo, ateísmo e de crenças particulares.

Sobre as *participações e frequência* nos ritos de suas denominações religiosas, dos participantes da segunda etapa (2014), observou-se a seguinte situação: 31% frequentam uma vez por semana ou mais, 31% participam em ocasiões especiais ou festividades, 27% uma vez por mês e 11% nunca participam. Quanto à atuação dos jovens entrevistados em grupos, pastorais ou atividades sociais relacionadas à denominação religiosa frequentada, obtivemos o seguinte resultado: grupo de jovens 39%; oração 21%; música 8%; louvor 8%; visitação 3%; animação 2; assistência social 3%, atendimento ao público 3% e outros (missa) 3%.

No âmbito da *mobilidade religiosa*, quando perguntados sobre a *abertura frente às discussões religiosas*, 73% se posicionaram de modo afirmativo. Os outros 27% mesclaram entre não estarem dispostos a tais conversas ou serem indiferentes a elas, por descrença de uma solução ou não crer que uma discussão dessas resolva algo efetivamente. Contudo, do total de respondentes, apenas 39% já frequentaram, frequentam ou pretendem frequentar outras denominações religiosas ou religiões de modo paralelo   f  que seguem.

Dentre os entrevistados que manifestaram mobilidade religiosas entre as denominações se encontram 46% Silo , 33% católica Apostólica Romana, 29% Luterana, 21% Assembleia de Deus, 17% outros; 85 Batista, 4% Adventista, 4% Católica Ortodoxa. 4% Congregação Cristã no Brasil.

Já no âmbito do trânsito religioso efetivo entre as denominações religiosas, apenas 16% afirmaram sentir-se motivados a realizar a troca de religião. É na Igreja Católica Apostólica Romana, na Assembleia de Deus e na Quadrangular onde se observar que há maior trânsito religioso.

Da mesma forma em que se trabalhou a mobilidade religiosa, tentou-se levantar *os motivos que leva ao trânsito religioso*. As respostas geraram o seguinte resultados: 20% apontaram que os pais são o motivo principal, 50% afirmaram a tradição, 40% o

conhecimento e a curiosidade, 30% parentes próximos, 20% amizades e 10% indicaram a cura e a mídia.

5.3 Formação de valores, relações e inserção social e religiosa

Os jovens tanto da primeira etapa 2013 quanto da segunda 2014, quando questionados sobre os *fatores de maior importância em suas vidas*, na quase totalidade apontaram a família em primeiro lugar, seguida da amizade, religião, trabalho e política.

Na parte relacionada às *questões de valores éticos, relação e inserção nos espaços públicos e religiosos*, os jovens da primeira etapa (2013) foram convidados a responder em graduação de 1 a 5 sendo 5 o indicador de maior relevância. Quando perguntados sobre a intenção de *se engajar numa causa social, humanitária ou política*, 51% assinalaram a opção 5, 17% a 3; 17% a 4, 6% a 2 e 9% a opção 1. Na segunda etapa (2014), 26% assinalaram a opção 5; a opção 4 recebeu 24%; a opção 3 recebeu 20% e as opções 1 e 2, 15% cada.

Diante da questão a *religião que frequento contribui para dar sentido à minha vida*, 54% dos entrevistados afirmaram que a religião contribui para dar sentido à biografia pessoal. Já na segunda etapa (2014), *apenas* 32% dos entrevistados indicaram a religião. Cabe enfatizar que estamos num ambiente universitário, mas embora o jovem

afirme não pertencer a uma denominação específica, a religião possibilita um sentido para a existência. Nesse viés a religião faz sentido, isto é, gera um sentido, plasmando a realidade daquele que professa a fé.

Em se tratando da *experiência de uma dimensão maior ao frequentar sua religião*, 51% das juventudes entrevistadas da primeira etapa (2013) responderam positivamente, enquanto os entrevistados da segunda etapa (2014) apenas 29% afirmam experienciar algo ao frequentar as religiões.

E a respeito da opinião dos participantes da primeira etapa (2013) sobre a religião que eles frequentam *ser a única verdadeira*, 10% indicaram a opção 5, e 66% a opção 1. Na segunda etapa da pesquisa (2014), 8% sinalizaram a opção 5 e 69% a opção 1. Esse dado revela uma sociedade fortemente marcada pelo pluralismo religioso. O sincretismo religioso aumentou. Hoje há muitos jovens com dupla ou tríplice pertença religiosa ou que transitam com facilidade de uma religião a outra, ou ainda constroem sua própria visão religiosa com elementos de diversas procedências.

Dentre as questões discursivas duas delas tratavam de fatos marcantes que ocorreram na vida do participante, uma delas tratava exclusivamente da vida religiosa; outra sobre o aspecto que mais se admirava nas religiões e, por último uma sobre qual aspecto criticava

mais nas religiões. Em ambas as etapas da pesquisa constatou-se que os jovens são religiosos e curiosos em conhecer diferentes religiões e religiosidades. É grande o interesse pela compreensão real e vivida da fé do outro, na busca de ritos e na compreensão do fenômeno religioso que os cercam. Os jovens transitam em outras denominações religiosas, não são intolerantes, se adaptam e aceitam doutrinas diferentes das que ele vivência e crê. A tradição familiar é muito presente na experiência religiosa do jovem, serve tanto para a manutenção e a perpetuação da fé dos pais, quanto no repúdio, como se observou em um dos casos. Encontramos na pesquisa um caso em que o trânsito do jovem ocasionou uma “reação em cadeia” junto aos familiares, levando-os a frequentar a religião do participante. A família, além de influenciar no caminho religioso, exerce grande poder sobre os ideais e escolhas dos jovens, como visto na pesquisa quando perguntados sobre os fatores que possuem maior importância em suas vidas.

Outro dado importante da pesquisa que merece destaque na segunda fase (2014) apenas, é que poucos jovens se deixam influenciar pela *internet* e pelas redes sociais na escolha, no conhecimento e na discussão sobre sua denominação religiosa. Os jovens se revelaram tímidos ao responder essa questão. Apenas 8% apontaram as tecnologias de informação e de

comunicação como instrumento facilitador de debates religiosos e 59% disseram que as tecnologias não são o espaço mais propício para expressar sua posição acerca da religião. A denominação religiosa ou a religião que o entrevistado participa não é alvo de suas pesquisas na *internet*.

Por fim, quando indagados sobre aspectos positivos da religião, por ser uma questão cuja resposta não era obrigatória, 60% dos entrevistados responderam sobre os fatores que são apreciáveis quando se trata de religiões. Dentre os respondentes, o aspecto louvável no mundo religioso de maior destaque é a fé, com 35% de citações. A atenção aos necessitados, por meio da solidariedade e do acolhimento, surgiu como um fator importante para 16% dos entrevistados, que comentaram sobre as boas ações sociais movidas, mantidas e organizadas pelas diversas denominações religiosas existentes. Para 14%, as religiões não possuem valor ou aspecto algum que seja bom. Deus é o que as religiões possuem de vislumbrável para 11% dos participantes, 8% afirmaram que o aspecto bom que lhes chama atenção é a doutrina com um todo, envolvendo ritos da Palavra e hermenêutica. E, com 5% cada fator, totalizando 15%, surgiu a esperança e a fé, a diversidade e a capacidade de moldar os membros participantes da religião.

Já quando o assunto é o aspecto negativo das religiões, todos os

participantes se pronunciaram, de alguma maneira. A intolerância religiosa, seja entre denominações ou grupos sociais, é o ponto de maior crítica. A postura política e financeira das religiões, tanto como detentoras de poder quanto de finanças, são o principal problema para 32% dos participantes, o radicalismo como aspecto ruim das religiões foi apontado por 23% dos participantes e 11% afirmaram a doutrina como algo prejudicial das religiões. Outros 11% afirmam a manipulação de ideologias e o apelo emocional como pontos negativos do âmbito religioso e 5% não encontraram problemas ou aspectos negativos nas religiões. Já 2% afirmaram que o fato de a religião se colocar como infalível é um ponto que atrapalha seu desenvolvimento e sua missão.

Neste estudo, a juventude joinvilense se caracterizou como

potencialmente ativa frente às questões sociais e religiosas, mas pouco participativa. Em sua maioria, dentre os que já frequentam ou participam de algo, estão em grupos de jovens como meros integrantes. Embora haja poucas manifestações de lideranças, suas ações são visíveis na religião a qual pertence.

No conjunto da pesquisa, as dimensões espiritual e religiosa assumem grande relevância na experiência humana das juventudes. A experiência religiosa é importante no caminho da busca de sentido da vida, na construção da subjetividade, na organização dos processos de sentido e de significação dos diferentes espaços sociais. Desse modo, compreender como se dá a busca do Sagrado nas inúmeras crenças e religiões é entender como o indivíduo vivencia uma prática religiosa, como se configuram os sentidos nas diversas experiências religiosas.

6 Considerações finais

A partir da análise dos dados, constatou-se que a existência do trânsito religioso entre as juventudes é um dos fatores que contribuiu na compreensão da religiosidade e do protagonismo dos jovens universitários. O fenômeno da mobilidade religiosa é presente entre as juventudes joinvilenses: a vivência de uma experiência religiosa, a curiosidade por outras religiões e crenças é um fenômeno presente na pesquisa. O

interesse pela compreensão das religiões, seus elementos fundamentais como ritos, cultos, símbolos e a vivência de uma fé diferente daquela professada tradicionalmente orienta a escolha por uma religião individualizada. O fenômeno das redes sociais como tempo e espaço para as religiões atraem os jovens e contribuem para as interações entre fiel, Igreja e Deus. É, assim, que o jovem vai construindo sua identidade religiosa,

mas para poder escolher e definir é levado a experimentar. Muitas vezes procura em diversas religiões, até acertar a que julga mais adequada ou até abandonar a procura e se fechar em poucas convicções pessoais. Dentre os fatores que determinam a religião a ser professada pelo jovem, a tradição familiar é a mais indicada, tanto para a perpetuação da fé dos pais, quanto no repúdio da mesma e opção por outra. Os dados mostram que 62% dos jovens, na primeira pesquisa, se encaminharam na prática da fé a partir daquela vivida por seus familiares. No segundo levantamento esse número sobe para 72%. De fato, a família, além de influenciar no caminho religioso, exerce grande poder sobre os ideais e preocupações dos jovens. As pesquisas confirmam isso em outra pergunta feita sobre os fatores que possuem maior importância em suas vidas. A família foi a que ganhou maior indicação.

Acerca do protagonismo, do compromisso com questões sociais e religiosas, as juventudes joinvillenses se caracterizaram como potencialmente ativas. Nas duas etapas da pesquisa os jovens afirmaram ter participado ou que participam de alguma atividade, como grupos de jovens, manifestações de lideranças políticas. Os jovens realizam várias funções e exercem grande influência em sua religião ou comunidade.

Embora os jovens joinvillenses possuam ainda uma dependência

religiosa ligada à tradição familiar, já há indícios de um processo de fortalecimento de uma experiência religiosa muito mais particular que doutrinária. Tal fato é descrito ao perceber a quantidade de jovens que já frequentaram outras religiões e pela opinião diferenciada frente a uma única religião verdadeira.

As concepções de Deus vão além daquelas estabelecidas pelas religiões tradicionais, são caracterizadas por alterações dos conceitos de divino, sacramento, fé, Deus, de identidade religiosa. A experiência de Deus independe de bases doutrinárias seguras. A subjetivação religiosa é, sobretudo, o resultado do relacionamento e do contato que o jovem tem com denominações e práticas religiosas diferentes que adentram no seu cotidiano. As formas de se vivenciar a relação tensa entre crença – instituição e sagrado se diluem em opções adaptadas às expectativas, aos interesses dos indivíduos. Seus efeitos são visíveis nos surtos inusitados que a *sensibilidade religiosa descontínua* desencadeia como produção privatizante de experienciar e plasmar a relação com o sagrado. O conceito de fidelidade religiosa, de adesão indissolúvel, se dissolve em percepção frágil, exposta à relatividade extrema da experiência subjetiva. A experiência do sagrado se descobre aprisionada aos gostos pessoais, aos interesses individuais, às expectativas particulares. O desmonte do sentido

tradicional e institucional de fé se efetiva e se solidifica em vista da concepção de fé como *construção privativa*. Não obstante o insistente apelo, no mundo religioso vivido, o avanço do significado descontínuo de “pertença”, de “adesão” se impõe de forma decisiva. São

imprevisíveis os perigos de uma possível relativização da fé. Contudo, onde há esse perigo, também pode emergir uma religiosidade mais saudável e compreensiva, capaz de elaborar sentidos para a totalidade da existência.

Referências

ANTONIAZZI, Alberto. O sagrado e as religiões no limiar do Terceiro Milênio. In: CALIMAN, Cleto. (org.). **A sedução do sagrado. O fenômeno religioso na virada do milênio**. Petrópolis: Vozes, 1998.

GASPARETTO, Paulo Roque. **Midiatização da religião**: processos midiáticos e a construção de novas comunidades de pertencimento. São Paulo: Paulinas, 2011.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guaraciara Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**. A religião em movimento. São Paulo. Editora Vozes, 2008.

KEHL, Maria Rita. **A fratria órfã**: conversas sobre a juventude. São Paulo: Olho d'Água, 2008.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de (orgs.) **Jovens na metrópole**: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo, Terceiro Nome, 2007.

RIBEIRO, Jorge Claudio. **Religiosidade jovem**: pesquisa entre universitário. São Paulo, Loyola, 2009.

RODRIGUES, Solange dos Santos. Jovens, experiência do sagrado e pertencimento religioso: um olhar sobre a literatura. In: OLIVEIRA Pedro A. Ribeiro; DE MORI, Geraldo (orgs.). **Mobilidade religiosa. Linguagens, juventudes, política**. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 253-287.

SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro Sá. **Sociologia da religião e mudança social**: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. São Paulo: Paulus, 2004.

Recebido em: 29/09/2015.
Aceito para publicação em: 26/12/2015.